

5

Conclusão

Em sua leitura larga e aberta da modernidade, Marshall Berman sugere, talvez, uma das formas mais interessantes de se considerar a produção literária em nosso próprio tempo.¹ Para o autor, os escritores modernos não devem ser reconhecidos naqueles que negam qualquer continuidade histórica, nem nos que buscam construir formas culturais resistentes à transformação. Se a literatura moderna acolhe em seu interior os sentidos de liberdade, poder, criação, decepção, crescimento e autotransformação que caracterizam a nossa própria época, não é meramente com o intuito de controlar o conteúdo dessas manifestações, mas para criar novas formas de expressão e de vida no interior mesmo desse movimento. Para Marshall Berman, mais do que antecipação de exaltada de um futuro ou fio condutor capaz de oferecer novos sentidos de estabilidade históricos e culturais, a produção literária deve ser encarada como uma espécie de *tradição vibrante* de nosso próprio tempo – capaz de enriquecer as experiências e oferecer um estímulo à vida atual.² Daí que, num tempo que parece perder o contato com as suas próprias raízes modernas, “voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante.”³

Iniciamos o nosso percurso analisando a recepção crítica da obra de Lima Barreto. Pudemos acompanhar diversas maneiras de encarar a obra do escritor, e a maneira pela qual as avaliações de sua literatura se atinham a determinadas visões da atividade literária.

Assim, o intuito inicial de nossa pesquisa foi identificar as diferentes concepções de História e Literatura que sustentavam a avaliação dos intérpretes. Pudemos identificar pelo menos quatro tipos de visão da obra de Lima Barreto – em cada uma, valorizava-se determinado aspecto de sua produção e estabelecia-se certa restrição à sua obra.

¹ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

² Ibidem, p. 24-49.

³ Ibidem, p. 49.

Num primeiro momento, a crítica se concentrou em problemas de estilo e posicionamento: lamentava-se as suas supostas oscilações de linguagem de e o fato de a sua literatura não ter chegado a atingir um certo sentido de conhecimento e impessoalidade que, segundo os críticos do período, deveria caracterizar o discurso literário. Com o fortalecimento de uma crítica literária de inspiração modernista, nas décadas de 1940 e 1950, passou-se a valorizar o fato de Lima Barreto ter se voltado para as camadas populares de seu tempo, sugerindo-se, no entanto, que o escritor não teria chegado a atingir uma representação estética adequada da “realidade nacional”. Nos anos 1960 e 1970, os intérpretes retomaram a associação ente Lima Barreto e as classes populares construída pela historiografia literária modernista, voltando-se para a sua produção no intuito de identificar a formação de um projeto político progressista. No entanto, diante das novas expectativas mobilizadas pelos autores, Lima Barreto foi acusado de se perder em suas supostas ambivalências identitárias. Esse quadro nos traz, finalmente, à historiografia contemporânea. Mas, mesmo aqui, a busca de unidades autorais ou de identidades históricas relativamente estáveis não deixou de levar os historiadores a reproduzirem uma série de visões pré-existentes na fortuna-crítica do escritor.

O essencial é que, em todas essas abordagens, esperam-se sentidos de estabilidade históricos e culturais que possivelmente não teriam sido buscados pelo próprio romancista – como as exigências de distanciamento e impessoalidade, a preocupação em alcançar uma representação estética adequada da realidade social brasileira.

Foi reconhecendo as limitações existentes nessas interpretações que procuramos mapear a relação que Lima Barreto estabeleceu com o contexto intelectual de sua própria época. Esse objetivo nos permitiu ligar o escritor a toda uma reavaliação que a historiografia vem realizando do ambiente cultural do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, sobretudo, no sentido de se reconhecer a diversidade do ambiente intelectual e os diferentes sentidos de modernidade que circularam pela cidade.⁴

⁴ Cf. VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. “Em algum lugar do passado: Cultura e História na cidade do Rio de Janeiro”. In: AZEVEDO, André Nunes de (org.). *Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/Sr-3

Assim, pudemos identificar alguns dos sentidos que marcaram a inserção de Lima Barreto no ambiente intelectual do Rio de Janeiro do seu tempo. Encarando a sua época como um período que sofria o impacto de novas experiências históricas, o escritor se afastou tanto dos autores que se apegavam a formas culturais tradicionais quanto daqueles que se amparavam nas promessas de uma nova modalidade de objetividade científica.

Nesse sentido, a literatura não seria uma maneira oferecer um entendimento relativamente distanciado das intensidades históricas, mas um meio de se situar em meio às tensões mais características de sua própria época. Em contraposição a uma concepção estritamente autoconsciente da ficção, Lima Barreto exigia que os escritores assumissem uma “visão psicológica apaixonada e comunicativa”:⁵ mais do que apontar para uma resolução definitiva das experiências históricas, o importante era mobilizar a imaginação sem ignorar os choques, tensões e incertezas que marcavam a relação com a “realidade”.

Voltando-nos para as crônicas, artigos e textos pessoais do escritor, pudemos mapear a forma pela qual Lima Barreto se relacionou com algumas das tendências culturais mais importantes de sua conjuntura. Num diálogo com a sua época, o escritor rejeitou uma concepção estritamente racionalista e autocentrada do sujeito humano, procurando situá-lo em meio aos choques, emoções e intensidades que nasciam de seu contato com o mundo. Nesse sentido, pudemos ressaltar ainda que, se por um lado, Lima Barreto não abandonou completamente a posição de *observador* da realidade, ele deixou de exigir que o discurso literário estabelecesse uma apreensão conceitual definitiva da realidade histórica; exigindo, apenas, que a descrição das emoções e estados de espírito revelassem algo importante para o “destino” das sociedades de seu tempo.⁶

Todo esse trabalho nos permitiu reavaliar a relação entre Lima Barreto e o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Onde os intérpretes tinham assinalado insuficiências, ambivalências ou incapacidade de realizar uma

UERJ, 2002, p. 11-43, CAMILOTTI, Virgínia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EdUFU, 2008.

⁵ BARRETO, Lima. “As pequenas revistas”. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 162.

⁶ Cf. BARRETO, Lima. “O Destino da Literatura”. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 51-67.

representação estética adequada da realidade, encontramos toda uma disposição para afrontar as experiências que tinham lugar na cidade, justamente onde elas pareciam mais incertas, intensas ou oscilantes.

E essa disposição era importante ainda num outro sentido. Se durante muito tempo se pensou o Rio de Janeiro como uma representação da modernidade nacional – onde se procurava esconder qualquer tensão, embate ou conflito que tivesse lugar na cidade – a literatura de Lima Barreto evidenciava exatamente as oscilações dessas experiências.

Pudemos ressaltar a forma pela qual, em seus primeiros romances, Lima Barreto colocou em cena protagonistas que vivenciavam choques, oscilações e incertezas diante do ideal civilizatório que procurava afirmar no Rio de Janeiro do período. A nova modernidade nacional prometia afirmação, liberdade e autotransformação, mas só era capaz de reconhecer aqueles que se apoiassem em ideais fixos ou pré-determinados. Em relação a esse ponto, é interessante perceber o quanto Lima Barreto construiu protagonistas que conservam uma série de incertezas sobre as suas experiências históricas, mas que, por outro lado, não hesitam em transmiti-las diretamente para o leitor.⁷

Nos contos, por sua vez, pudemos identificar uma série de personagens decepcionados com as sociabilidades convencionais que circundavam certos espaços da cidade, mas que, por isso, observam com atenção os sonhos, embates e expectativas que atravessam o Rio de Janeiro do seu tempo. Diante de uma modernidade que se esforçava em esconder as suas próprias incertezas e ambivalências, descobrimos uma série de sujeitos experimentando tensões e pressentindo outras possibilidades de vida na cidade.⁸

De todo esse movimento, no entanto, o que nos parece essencial, é que Lima Barreto transita pelas perplexidades mais características de sua época e pelo ambiente urbano carioca sem procurar submetê-los a uma perspectiva ordenadora. Daí que, num período em que a literatura parece já definitivamente liberta das exigências de uma representação estritamente conceitual das experiências

⁷ Cf. BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

⁸ Como acompanhamos nos contos “O Filho de Gabriela”, “O Moleque”, Cló” e “O Homem que Sabia Javanês”.

históricas,⁹ talvez seja interessante se voltar às oscilações de sensibilidade postas em movimento pela sua escrita.

Acompanhando a sugestão de Marshall Berman, talvez possamos afirmar que, mais do que estabelecer um cânone capaz de representar os movimentos de toda uma realidade social,¹⁰ o mais interessante seria encarar a literatura de Lima Barreto como um substrato capaz de acolher algumas das tensões mais interessantes de sua modernidade: evidenciando outras possibilidades de existência, oferecendo visão mais complexa dos sujeitos e espaços sociais, e, finalmente, sendo capaz de oferecer um estímulo à nossa própria vida atual. A disposição em se lançar em meio às disparidades e ambivalências de sua experiência histórica e encenar confrontos entre essas possibilidades talvez inviabilize a inclusão de Lima Barreto em qualquer cânone da literatura brasileira, mas, em compensação, o aproximam – ainda que a alguma distância – de nossa própria época.

⁹ Cf., em relação a esse ponto, GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Shall we continue to write Histories of Literature?” In: *New Literary History*, vol. 39, n. 3, The Johns Hopkins University Press, Summer 2008, p. 519-532.

¹⁰ Em relação à literatura brasileira, cf. o interessante ensaio onde Silviano Santiago discute algumas limitações da crítica literária modernista. Cf. SANTIAGO, Silviano. “Fechado para balanço (Sessenta anos de modernismo)”. In: *Nas malhas da letra: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 75-93.